



ADRIANE SCHREIBER RIGLSKI

**CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE
HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DAS
LINGUAGENS NA INFÂNCIA**

Ijuí

2012

Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento das linguagens na infância!!!¹

Adriane Schreiber Rigliski²

Resumo: Na fase do 0 aos 6 anos – educação infantil há um notório desenvolvimento linguístico, físico, perceptivo, motor e social que pode ser acentuado e estimulado com a contação de histórias, principalmente nas escolas. Esta pesquisa destaca como ocorre o desenvolvimento das diferentes linguagens na infância, bem como, os aspectos positivos e a influência da contação de histórias na vida das pessoas. Além de pesquisa bibliográfica, foi realizada uma entrevista com professoras da educação infantil acerca do assunto.

Palavras-chave: Contação de histórias; Desenvolvimento; Linguagens; Imaginário infantil.

Introdução:

Os primeiros anos de vida são os mais significativos no desenvolvimento e na vida das pessoas; pois, até os sete anos de idade, é o período de constituição da personalidade, como afirmam. A infância é o período da vida mais decisivo para toda a história da pessoa. Uma infância bem cuidada é base de sustentação de uma adolescência, juventude e idade adulta socialmente integrada afetivamente equilibrada e intelectualmente bem desenvolvida. As histórias agem nessa formação, pelo seu aspecto lúdico, contribuindo no desenvolvimento intelectual, subjetivo despertando o interesse pela leitura, estimulando a imaginação, por meio da ficção, dos personagens, dos cenários das ações narradas. Atua também no desenvolvimento comunicativo, interacional.

Esta pesquisa surgiu da necessidade de atender exigência acadêmica, da curiosidade sobre o tema, bem como do desejo de trabalhar com as crianças pequenas de uma forma mais significativa e prazerosa que venha a possibilitar aprendizagens, que respeitem seus

¹ Trabalho desenvolvido no componente curricular Pesquisa - Monografia, do Curso de Pedagogia da UNIJUI- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Campus Ijuí, sob a orientação da professora Ms. Lídia Inês Allebrandt, no primeiro semestre de 2012

² Acadêmica do 9º semestre do curso de Pedagogia da UNIJUI, e-mail: adririgliski@yahoo.com.br.

tempos e direitos. Tendo como principais objetivos: analisar e teorizar aspectos significativos acerca desse tema; (re)conhecer como ocorre o desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida; perceber as diferentes linguagens no contexto escolar da educação infantil; pesquisar e descrever a origem da contação de histórias; identificar a importância da contação de histórias no desenvolvimento humano; descobrir que linguagens a contação de histórias ajuda a desenvolver; explicitar diversos recursos lúdico/pedagógicos e/ou mediadores para a contação de histórias, bem como sua importância; também de pesquisar e analisar como ocorrem estes processos nas escolas infantis hoje.

Esta pesquisa é dividida em quatro partes; a primeira, busca organizar e salientar como se iniciou a contação de histórias nos primórdios da humanidade, sendo esta uma arte milenar, muito antes da linguagem simbólica – escrita. Na segunda parte traz as contribuições das histórias lidas ou contadas e como estas contribuem para o desenvolvimento infantil, bem como das suas linguagens. A terceira aborda as muitas formas de contar uma história, bem como, as diferenças entre ler e contar, trazendo técnicas, e explicitando alguns recursos lúdico-pedagógicos ou mediadores, assim, como a escolha de repertórios e recursos. A última parte tende a fazer o fechamento desse trabalho de conclusão de curso, apresentando e comentando, uma pesquisa realizada em três escolas infantis do município de Ijuí, com professores que atuam desde o berçário até a pré-escola. O estudo é de cunho teórico, teve como base principalmente os autores Cléo Busatto, Celso Sisto e Fanny Abramovich e com uma pesquisa etnográfica.

A arte de contar e ouvir histórias desde os primórdios da humanidade

Durante muitos séculos, homens sentaram-se ao redor de fogueiras para contar e ouvir histórias, sendo essa uma prática milenar. O ato de contar surgiu muito antes da escrita, não tendo uma data cronológica que marque seu surgimento.

Um contador de histórias, em todo tempo e lugar, encontrou quem o escutasse. Nas sociedades tribais primitivas essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística: tinha um caráter funcional decisivo, pois os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e os conhecimentos acumulados pelas gerações, por meio das crenças, dos mitos, dos costumes e dos valores a serem preservados pela comunidade. Eram as pessoas mais velhas que narravam aos mais novos. Através da

oralidade, a cultura popular se manteve ao longo dos anos, sem pergaminhos ou registros mais elaborados, apenas na memória viva.

A história é um instrumento que a humanidade desenvolveu como veículo para passar informações através do tempo. Cada cultura tem um “estoque” de histórias que, originárias ou não daquela cultura, objetivam fundamentalmente atingir as preocupações inerentes a todo ser humano.

Cléo Busatto nos traz em uma de suas obras a tradução de um depoimento do cacique dos índios Yanomamis recolhido por Maloca Watoriki em setembro de 1998 e traduzido por Bruce Albert;

Os brancos desenham suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimentos. Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo, e continuamos passando-as para os nossos filhos... são elas que nos fazem ver e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar. (BUSATTO, 2006, p. 10-11)

Esse relato nos afirma que ainda existem culturas que guardam, armazenam e passam e seus conhecimentos através da memória e da oralidade.

Hoje se pensa em contadores de histórias, talvez bem distantes, mas não, porque todas as pessoas são contadoras de histórias, todos possuem essa capacidade de passar a outros: experiências, conselhos, receitas, canções... Mesmo não percebendo, estamos sempre contando uma história. Narramos um fato acontecido conosco no dia-a-dia, com riqueza de detalhes, um capítulo de uma novela, uma notícia do jornal que foi lido, um fato que outra pessoa nos contou, enfim, somos contadores de histórias natos.

Todas as pessoas gostam de ouvir histórias. Uma história bem contada agrada a todos sem fazer distinção de idade e “histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo.” (BUSATTO, 2006, p. 17)

Um bom contador de história é aquele que aperfeiçoa o ato de narrar, o transforma em arte, faz dela uma profissão; ou que faz da contação de histórias uma aliada na sua profissão como é o caso dos professores, já que o contador

é um comunicador que adquiriu o dom de narrar influenciado pelo meio que habita, transformando-se na memória coletiva da sua comunidade e transmitindo, por meio dos contos, lendas e mitos, as raízes culturais do seu povo. (BUSATTO, 2006, p. 19)

Busatto define como contador tradicional, aquele sujeito-contador que se revele no seio da comunidade, e contador contemporâneo, para este sujeito-contador da atualidade, o

qual elegeu a expressão “contador de histórias” para definir uma profissão que começa a tomar corpo. (2006, p. 9)

A história não é usada somente para passar e resgatar ensinamentos de uma geração para outra. A contação de histórias vem ganhando corpo e espaço, agradando a todos pelo simples prazer de ouvir, pelo aspecto lúdico, por aguçar a curiosidade, desafiando o imaginário das pessoas. Não há um tipo específico de ouvintes, assim como não há um estereótipo de contadores, pois,

eles chegam de todas as partes: Norte, Sul, Leste, Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo, fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos, e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, deixando leituras aos seus ouvintes. (BUSATTO, 2006, p. 26)

Contribuições das histórias no desenvolvimento infantil e suas linguagens

A arte de contar histórias ganhou conotação e espaço maior, como valioso instrumento no processo educativo, devido ao seu aspecto lúdico. Contar histórias passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica nas escolas já que,

as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos (BUSATTO, 2006: 21).

Nas escolas a contação de histórias pode e deve acontecer desde a mais tenra idade das crianças, pois o hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, se estabelece uma relação de troca entre contador e ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10).

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, já que devido a seu aspecto lúdico

contar histórias é fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com os olhos internos as imagens que nos fazem bem. (BUSATTO, 2006, p. 58-59)

Quando contada ou lida, pode atingir outros objetivos, tais como: conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, a sensibilidade, dar outras visões à criança sobre determinado conteúdo já pré-estabelecido, ou “formar” novos conceitos, aumentando o interesse pela aula, permitindo a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos.

Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida. A história narrada, por escrito ou oralmente, nos permite também aquisições em diversos níveis. Isto é: contar histórias para as crianças permite conquistas, no mínimo, nos planos psicológico, pedagógico, histórico, social, cultural e estético. (SISTO, p 01).

Como pretendo nessa pesquisa abordar a questão das diferentes linguagens da criança e como a contação de histórias pode contribuir para isso trago um trecho de uma das obras de Fanny Abramovich onde ela afirma que,

As histórias têm como valor específico o desenvolvimento das idéias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (2001, p. 23).

O ato de contar uma história, além de atividade lúdica, estimula e auxilia o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Muitos estudos relatam sua importância no desenvolvimento infantil, por ser recreativa, educativa, afetiva, alargando horizontes, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos e também por estimular a socialização e desenvolver a atenção. O ver, sentir e ouvir são as primeiras disposições na memória das pessoas. Contar histórias é uma experiência de interação. Constitui um relacionamento cordial entre a pessoa que conta e os que ouvem. A interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos.

A contação de histórias age na formação da criança em várias áreas. Como a contribuição no desenvolvimento intelectual, pois estimula o imaginário, a fantasia desperta a criatividade. A criança cria e recria em sua mente cenários, personagens, novos finais para as histórias...e utilizam as situações vividas em cada história para tentar compreender o mundo a sua volta, porque o fato de ouvir uma história pode ser um meio significativo para

se trabalhar com as emoções como medo tristeza, raiva, alegria, espanto, pavor, insegurança, tranquilidade, saudade e lembranças

e pode ocasionar: “(...) inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido; torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca...” (ABRAMOVICH, 2001, p. 24).

É fundamental para o desenvolvimento infantil que a criança descubra sozinha como resolver problemas e descobrir-se como uma pessoa capaz de conhecer e aprender, é imprescindível para a sua formação humana dentro de uma sociedade cheia de desafios e problemas a serem resolvidos. Portanto, ao ouvir histórias à criança pode ter as suas curiosidades respondidas e conseguir encontrar outras ideias para resolver questões (como os personagens da história fizeram). É uma possibilidade imensa de descobrir outros lugares, outros tempos, outra cultura... pois,

é através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 2001, p.17)

Outro ponto em que atua é no desenvolvimento comunicativo. A criança para aumentar seu poder de comunicação, inicialmente, apoia-se no emprego do não-verbal, para tanto usa o próprio corpo para comunicar-se, sendo esse um importante instrumento de transição para a linguagem oral, mas esse processo precisa de estímulos. Entretanto, a partir do momento em que a criança vai se apropriando da linguagem a sua volta, essa vai-lhe estruturando o pensamento e isso pode e deve ser explorado com histórias que as crianças, participam com gestos, pulos, sons, rastejando, equilibrando, chutando, engatinhando, esticando, puxando, rolando... enfim em uma mescla de emoções, conhecimentos e culturas representadas por sons, gestos, movimentos e fala.

No sentido da língua, particularmente, as histórias: enriquecem a experiência;· desenvolvem a capacidade de dar seqüência lógica aos fatos;· dão o sentido da ordem;· esclarecem o pensamento;· educam a atenção;· desenvolve o gosto literário;· fixam e ampliam o vocabulário;· estimulam o interesse pela leitura;· desenvolvem a linguagem oral e escrita; As histórias são fontes maravilhosas de experiências. São meios preciosos de ampliar o horizonte da criança e aumentar sue conhecimento em relação ao mundo que a cerca. (BUSATTO, 2011, p. 02)

Quando a criança ouve ou lê uma história e é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir aspectos a ela referentes, realiza interação verbal, e isso contribui na linguagem. E notamos o desenvolvimento oral das crianças, a ampliação do vocabulário, a prática de

recontar a história para os outros, a autonomia na escolha do conto preferido no momento da contação...

Quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico. A palavra com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados por uma emissão emocional...é ele o elo da comunicação. (SISTO, 2005, p. 28)

A linguagem é um instrumento mediador entre as relações sociais da criança com o ambiente em que vive, é constituidora da criança enquanto ser social, histórico e cultural. Para Cléo Busatto, a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem, é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. No entanto, o desenvolvimento linguístico infantil só pode ser entendido a partir de suas relações com o outro.

Com isso também é desenvolvida a interação sócio-cultural, a socialização da criança, pode ser visto “o contar história como um ato social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva.” (BUSATTO, 2006, p. 13)

O desenvolvimento da criança como o processo que vai sendo construído pela própria criança ocorre durante as interações com “outros” em seu universo social e que tem sua origem durante a interação social a partir de uma relação mútua entre o plano individual e o plano social, ou seja,

Contar oralmente uma história está relacionado ao reunir, ao criar intimidade, ao ato de entrega coletiva. É um ato agregador de pessoas; é o exercício do encontro - consigo, com os outros, com o universo imaginário, com a realidade, por extensão! (SISTO p. 2)

A criança recebe influência até em seu desenvolvimento físico-motor, devido á manipulação do corpo e da voz de que faz uso ao ouvir e recontar as histórias. E que através de uma história permite a criança sentir-se como personagem, e como já citado anteriormente, pode-se estimular o pular, o rolar, o espichar, ajoelhar, deitar, bater palmas, mexer os pés, dramatizar... também pode suscitar o fazer sons com a boca, com seu corpo... enfim as histórias estão aí, esperando alguém com um jeitinho criativo contá-las.

As histórias também formam o gosto pela leitura. Quando a criança aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para a leitura.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 2001, p.16).

A contadora de histórias Cléo Busatto, cuja obra *Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa nos diz sobre a formação de um novo leitor*

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2003, p. 45)

Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela tornar-se um adulto leitor. Da mesma forma através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

As crianças bem pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as. É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, experimentado de todas as formas explorando seus sentidos (tato, olfato, visão...), de forma que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto do seu interesse. A partir daí, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

Em suma, ao ouvir uma história a criança pode desenvolver e alcançar diversos objetivos, como apresenta Tahan (1957) em seu livro, (um livro antigo, mas repleto de significados)

- a. Expansão da linguagem infantil - enriquecendo o vocabulário e facilitando a expressão e a articulação;
- b. Estímulo à inteligência - desenvolvendo o poder criador do pensamento infantil;
- c. Aquisição de conhecimentos – alargando os horizontes e ampliando as experiências da criança;
- d. Socialização – identificando a criança com o grupo e ambiente, levando – a estabelecer associações, por analogia, entre o que ouve e o que conhece;
- e. Revelação das diferenças individuais - facilitando à professora o conhecimento de características predominantes em seus alunos, evidenciadas através das reações provocadas pelas narrativas;
- f. Formação de hábito e atitudes sociais e morais - através da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando –a na vida moral;
- g. Cultivo da sensibilidade e da imaginação - condição essencial ao desenvolvimento da criança;

- h. Cultivo da memória e da atenção – ensinando a criança a agir e preparando – a para a vida;
- i. Interesse pela leitura - familiarizando a criança com os livros e histórias, despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário. (p.21)

Há muitas formas de contar e de encantar

Que existem diferentes formas de contar histórias e, conseqüentemente, de ouvi-las já sabemos, mas se tratando de escola, de crianças e de professores contadores de histórias; vale lembrar que, ler e contar histórias para as crianças é uma atividade muito importante. Porém, há diferenças entre ler e contar.

As histórias contadas oralmente têm uma força de transmissão oral, isto é: a voz, o olhar e o gesto vivo do contador de histórias, que alegra ou entristece sua plateia. Na “contação” usam-se as próprias palavras, há variações nas versões de cada história, permite-se o uso de recursos e está mais próxima da oralidade. A criança aprende mais sobre a língua que se fala, amplia seu repertório e seu universo imaginário, percebe que as histórias podem ser mudadas e começa a criar suas próprias histórias. Ao ler o professor apresenta aos alunos o universo letrado, instigam a curiosidade pelos livros e seus conteúdos. Neste caso a história é sempre a mesma, independente de quem a lê. Podemos modificar a entonação, a altura ou timbre da voz, mas o texto é sempre o mesmo. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita e que não utilizamos cotidianamente ao falar. (OLIVEIRA, 2006, p.04)

Para uma pessoa que conta uma história, podemos perceber em seus olhos o poder que os livros exercem sobre ela, tanto para informação, lazer, montagem de repertório... enfim “é exatamente do fascínio de ler que nasce o fascínio de contar. E contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário” (SISTO, 2005, p. 28) A contação envolve as imagens verbais, imagens sonoras e imagens corporais.

Antes muitas histórias, eram contadas só oralmente utilizando basicamente a voz, o olhar, e alguns gestos. Atualmente passam a ser contadas às crianças com a utilização de recursos, também de forma lúdica e criativa. A arte de contar uma história conta com recursos lúdico/pedagógicos ou mediadores (para alguns autores) e estão disponíveis no mercado. Mas, com criatividade, podemos confeccionar como: dedoches, fantoches, flanelógrafo, cineminha (tv), imantógrafo... livros de pano, EVA, pop-up, de plástico, especiais para a hora do banho. Livros que muitas vezes mais parecem brinquedos. Esses

recursos auxiliam na apresentação de histórias, que, além de serem ouvidas, passam a ser assistidas, manuseadas...

Utilizam-se outras linguagens: a música, a mímica, a dança, as artes plásticas... tudo é bem vindo quando desperta o sabor de um passeio com o qual se sonhou há muito tempo, com o qual se restituiu o tempo do jogo do faz-de-conta. (SISTO, 2005, p. 32)

Mas para contar histórias sem o suporte do livro o professor deve procurar utilizar algumas técnicas, como gestos, tom de voz, posição corporal, além de ter o conhecimento da história em seus mínimos detalhes, para que a narrativa transcorra sem interrupções e com muita emoção. É a emoção, passada pelo professor através dos gestos e, principalmente pela voz que seduz as crianças para o mundo apresentado na narrativa. Abramovich sugere que

para contar histórias – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção ... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte. (2001, p. 18)

Para criar um repertório ou escolher uma história para contar, o primeiro passo parece um mistério: sentir algo especial pelo conto, porque acreditamos que só poderemos contar bem uma história quando ela nos toca de forma especial, quando faz vibrar alguma coisa dentro de nós. É a paixão que vai permitir o trânsito e a circulação da história. (SISTO, 2005, p. 30) Busatto ensina seus segredos:

Os segredos de um contador de histórias são: a) Curta a história – o bom contador acredita na sua história, se envolve e vibra com ela. Se o professor não estiver interessado, dificilmente conseguirá interessar as crianças. b) Evite adaptações – deve-se ler o que está escrito no livro. Não privar os alunos do contato com o texto literário. Os velhos contos de fadas são histórias cheias de fantasias e de poesia. Lidam com sentimentos fundamentais do ser humano: o medo, a angústia, o ódio, o amor. Permitem à criança exercitar através da imaginação, soluções para problemas concretos da vida, que interessam ao adulto. c) Não explique demais – a adaptação de histórias é uma descaracterização da história na vida da criança. Muitas vezes, a história exerce a função de desenvolver ou até prolongar o mistério. Ao fazer a tradução ou adaptação, o professor deixa tudo muito bem esclarecido, não restando qualquer mistério. Ao ser encerrada, a história realmente se encerra, deixando de existir para a criança. d) Uma história é um ponto de encontro – ao entrar numa roda de história, a criança participa de uma experiência comum que facilita o conhecimento e as ligações com as crianças. e) Uma história também é um ponto de partida – a partir de uma história é possível desenvolver outras atividades: desenho, massa, cerâmica, teatro ou o que a imaginação sugerir. f) Moral da história – nenhuma, ou melhor, várias. Essa história sobre os segredos das histórias e os contadores de histórias é só o começo, o resto quem conta somos nós, com a experiência, imaginação e bom senso. g) Comentar a história – fazer perguntas diretas para a criança, verificando se ela figurou bem cada um dos caracteres, se os moldou de acordo consigo mesma, se o caráter que nos apresenta é o que pretendíamos transmitir. h) Dar modalidades e possibilidades da voz – sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em

algo importante, falar tão baixo de modo quase inaudível, nos momentos de dúvidas, e usar humoradamente as onomatopéias, os ruídos, os espantos, levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo. É fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...”, para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida. As histórias são expressões de uma mesma personalidade em evolução, do princípio do prazer da realidade. Podem mostrar à criança que a transformação, a mudança e o desenvolvimento são possíveis. Que o prazer não é proibido. Contar histórias é uma arte. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte. As histórias têm finalidade em si. Contadas ou lidas constituem sempre uma fonte de alegria e encantamento. (BUSATTO, 2006)

A escola infantil hoje e a contribuição dos professores nesse processo

A LDB 9394/96 estabelece que a finalidade da educação infantil seja o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social complementando a ação da família. Mas, o desenvolvimento integral depende de cuidados, que envolvem a dimensão afetiva e os cuidados biológicos do corpo, a qualidade de alimentação e saúde. Também para cuidar é preciso estar comprometido com o outro, com a sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades, aí entra o a construção do vínculo entre quem cuida e quem é cuidado, ou seja, professor e aluno.

A escola é o espaço privilegiado par a socialização, desenvolvimento e descobertas. Mais que um lugar agradável para brincar, uma escola deve ser um espaço que favoreça o “desabrochar” do crescimento e ter sempre pessoal preparado e capacitado com formação e atualizações constantes, capazes de propiciar este desenvolvimento com atitudes diárias, procurando manter um espaço estimulante, educativo, seguro e afetivo requer cuidados e comprometerimentos essenciais ao bom andamento da escola.

Para garantir o desenvolvimento pleno e saudável da criança na escola (pelo menos) deve-se ainda, apostar-se em bons educadores, que não sejam motivados apenas em troca de algo ou por um maravilhoso salário utópico, mas que se em sua formação estiverem presentes três pilares: Formação teórica/ Formação pedagógica/ Formação lúdica.

Os professores de educação infantil precisam estar preparados para que assumam uma atitude reflexiva em relação ao seu ensino e as condições sociais que o influenciam e o grande desafio é garantir o movimento à riqueza do processo, mantendo o diálogo

permanente. Propor situações problemas, desafios, reflexões, fazer conexões entre o conhecimento adquirido ao pretendido e ao vivido.

Cabe, portanto, ao professor de Educação infantil pensar, refletindo sobre o seu fazer docente. Sonhar... Pigmentar a sua prática com as riquezas da fantasia e o encantamento mágico do ato de criar em sala de aula e a contação de histórias é um caminho para estimular todo esse potencial dos pequenos.

Com o intuito de conhecer a realidade atual das escolas infantis no que se refere às contribuições da contação de histórias no desenvolvimento da diferentes linguagens, realizamos pesquisa participante de caráter etnográfico Para tanto, foram visitadas escolas, observadas práticas e desenvolvidas entrevistas com professoras que atuam na educação infantil, entre o berçário e a pré-escola, de três escolas do município de Ijuí, sendo destas duas municipais e uma particular. Foram entrevistados 12 professores como idade entre 23 à 36 anos, com experiência de 02 meses à 14 anos com educação infantil.

Após leitura das entrevistas constatamos que todas as professoras afirmaram contar ou ler histórias para seus alunos, muitas delas diariamente; algumas dia sim dia não, conforme o interesse ou necessidade das crianças; com exceção das professoras do berçário, que afirmaram não contar histórias com frequência, devido a rotina intensa de cuidados com higiene e alimentação e pelo grande número de crianças para poucas profissionais.

Outra questão observada foi quanto ao registro da contação de histórias no planejamento. Todas afirmam registrar a história contada ou lida no caderno de planejamento e no diário de classe, porém nem sempre é realizado o registro da história com as crianças, pois muitas delas são simplesmente pelo prazer de ouvir e pela ludicidade.

O critério para escolha de livros, é estabelecido conforme a faixa etária das crianças, das imagens que o livro apresenta, do texto, do enredo e dos interesses das crianças. Muitas histórias são escolhidas considerando o tema do projeto desenvolvido. Algumas professoras afirmaram classificá-las pelo gênero, levando para sala poesias, parlendas, quadrinhos.

No que se refere à finalidade das histórias, disseram que é pelo simples fato de ouvir, pela ludicidade, pela viagem que o imaginário é capaz de fazer, e de ver o brilho no olhar das mesmas ao ouvir ou ver uma história. Acrescentaram que leem para que as crianças conquistem o gosto pela leitura, para trabalhar a oralidade, a concentração, a sequência dos fatos, exploração do contexto, bem como, para trabalhar valores, divertir e encantar, ampliar suas possibilidades de ver outras maneiras de resolver seus conflitos e seus problemas, de ressignificar o mundo letrado e estabelecer relações com o mesmo

Em relação aos recursos e técnicas, todas afirmaram geralmente ler ou contar as histórias com o auxílio de livros, utilizando a entonação da voz, a expressão corporal e facial usando algumas vezes fantoches, fantasias, livros pop-ups que a escola disponibiliza. Algumas utilizam fantoches produzidos em conjunto com as crianças, histórias em cartões, músicas, filmes.

Pelos relatos das entrevistas percebemos que todas as professoras reconhecem a importância das histórias para a vida e a formação das crianças, levam histórias para a sala de aula e valorizam o livro, incentivando a leitura aos pequenos, já que

há crianças que ingressam no mundo da linguagem escrita através da magia da leitura e outras que ingressam através do treino das habilidades básicas. Em geral, os primeiros se convertem em leitores, enquanto os outros costumam ter um destino incerto. (FERREIRO, 2002)

No entanto, as escolas precisam promover a formação de seus professores possibilitando-lhes refletir acerca dos conceitos, recursos e técnicas diversas de formação para contadores de histórias. O objetivo seria capacitá-los para a percepção e uso dos valores do texto, das ilustrações, dos diferentes gêneros, das múltiplas possibilidades de abordagem do texto literário, para vivenciarem o contar histórias associando teoria e prática, e posteriormente, divulgar a arte de contar histórias com seus diversos enfoques de leitura, (re)apresentação e representação.

Considerações finais

A criança é um ser social, histórico e cultural esta inserida no mundo das múltiplas linguagens desde seu nascimento. Quando falamos de múltiplas linguagens, pretendemos enfatizar o cinema, a televisão, os jornais, as revistas, os livros, o teatro, as músicas, as histórias infantis, pois são linguagens que servem de apoio ao processo ensino/aprendizagem.

Abordar diferentes linguagens na educação infantil, é falar de aspectos que traduzem as características da linguagem própria da criança: imaginação, ludicidade, simbolismo, representação. A brincadeira, a arte, as histórias, o choro, o silêncio, mediadas pelo corpo que se move, que comunica o que não é dito com palavras, são linguagens diferenciadas que a criança usa para internalizar o mundo a que ela pertence e exteriorizar a sua percepção da realidade, para além da linguagem verbal. Trabalhar com as múltiplas linguagens significa

ajudar as crianças a perceber qualidades e características nem sempre evidentes, de modo mais profundo e significativo, pelo uso das linguagens não-verbais. É buscar compreendê-las de uma forma mais ampla. Estimulá-las a utilizar as centenas de linguagens de que se dispõe hoje é uma maneira de contribuir com o seu pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

A valorização da contação de histórias na educação infantil possibilita às crianças um desenvolvimento mais completo, pois na maioria das vezes é apenas na escola que elas têm contato com histórias que lhes ajudam a perceber a ludicidade das palavras, podendo criar e recriar novos textos e iniciar o gosto pela leitura.

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões. (ABRAMOVICH, 2001p. 17)

As histórias sempre acabam encontrando quem as conte e que as escute; se as crianças forem incentivadas desde bem cedo a ter contato e valorizar este tipo de arte, se os professores se comprometerem a serem mediadores desde mundo mágico da leitura, cremos que não haverá no mundo jamais a falta de contadores de histórias, de leitores, de escritores, e de valorizadores dos livros nem de ouvintes.

Seja onde for que as histórias soem, seja através de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam para ficar. As histórias, oriundas da tradição ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem-vindos os contadores, sejam aqueles que narram contos da tradição, sejam aqueles que narram autores contemporâneos. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que vêem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados. Os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significante e transformadora. O que fica de tudo isso é o reconhecimento do saudável hábito de contar histórias (BUSATTO, 2006, p. 127-128)

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____ **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

Lei de Diretrizes e bases da educação nacional de 20 de dezembro de 1996.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Positivo. 2ª Ed. Curitiba Série: Práticas educativas, 2005.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. Cortez. SP, 2002.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Livros e infância**. [online]. Disponível em: <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm> (acesso em 27 de abril de 2012)

<http://ciganagabriela.blogspot.com.br/2009/07/texto-contar-com-o-coracao-cleo-busatto.html>

(acesso em 27 de abril de 2012)

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CHAVES, Otília O. **A arte de contar histórias**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.

CORSO, Mario, CORSO, Diana Liechtenstein. **Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis**: Artmed, 2006.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957.

<http://www.estimulando.com.br/desenvolvimento.htm> (acesso em 27 de abril de 2012)

ANEXOS:

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

Sexo: Masculino () Feminino ()

Idade: _____

Formação: _____

Tempo de experiência: _____

Turma que leciona: _____

1. Você conta ou lê histórias para seus alunos?
2. A frequência que conta ou lê historia em sala de aula (diário, semanal, mensal)?
3. No planejamento de aula você inclui e registra a contação de história?
4. Estabelece algum critério para classificar as histórias infantis, como escolhe a que irá contar?
5. Com que finalidade você conta ou lê as histórias?
6. Você acha importante contar histórias? Por quê?
7. Você utiliza recursos ao contar histórias? Quais?
8. Utiliza técnicas diferentes para contar histórias? Quais?

Obs.: As informações serão utilizadas apenas para levantamento de dados estatístico.

Faixa etária	Textos	Ilustrações	Materiais
1 a 2 anos	As histórias devem ser rápidas e curtas	Uma gravura em cada página, mostrando coisas simples e atrativas visualmente	Livros de pano, madeira, e plástico. É recomendado o uso de fantoches
2 a 3 anos	As histórias devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo das vivências da criança	Gravuras grandes e com poucos detalhes	Os fantoches continuam sendo o material mais adequado. Música também exerce um grande fascínio sobre a criança
3 a 6 anos	Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar da criança.	Predomínio absoluto da imagem, sem texto escrito ou com textos brevíssimos.	Livros com dobraduras simples. Outro recurso é a transformação do contador de histórias com roupas e objetos característicos. A criança acredita, realmente, que o contador de histórias se transformou no personagem ao colocar uma máscara.
6 ou 7 anos (fase de alfabetização)	Trabalho com figuras de linguagem que explorem o som das	Ilustração deve integrar-se ao texto a fim de instigar o	Excelente momento para inserir poesia, pois brinca com

	<p>palavras. Estruturas frasais mais simples sem longas construções.</p> <p>Ampliação das temáticas com personagens inseridas na coletividade, favorecendo a socialização, sobretudo na escola.</p>	<p>interesse pela leitura.</p> <p>Uso de letras ilustradas, palavras com estrutura dimensiva diferenciada e explorando caráter pictórico.</p>	<p>palavras, sílabas, sons.</p> <p>Apoio de instrumentos musicais ou outros objetos que produzam sons.</p> <p>Materiais como massinha, tintas, lápis de cor ou cera podem ser usados para ilustrar textos.</p>
--	---	---	--